

UMA BREVE ANÁLISE DA DIVERSIDADE TEXTUAL DA REVISTA JORNAL DAS MOÇAS E A SUA REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DAS MULHERES BRASILEIRAS NO DECORRER DO ANO DE 1960

A BRIEF ANALYSIS OF THE TEXTUAL DIVERSITY OF THE MAGAZINE JORNAL DAS MOÇAS AND ITS REPRESENTATION OF THE ROLE OF BRAZILIAN WOMEN DURING THE 1960S

Edivaldo Rafael de Souza
edivaldorafael007@gmail.com

RESUMO

Utilizando-se de fragmentos jornalísticos da Revista Jornal das Moças (RJ), durante o ano de 1960, essa pesquisa analisa diferentes publicações que eram dirigidas às leitoras dessa época. O trabalho destaca, de forma breve, os primórdios da atuação das mulheres no referido meio de imprensa. Sabe-se que, mesmo com o surgimento de movimentos que visavam a emancipação social das mulheres, elas ainda tinham que enfrentar sérias questões no período supracitado, pois boa parte da sociedade brasileira insistia em dividir os espaços entre público e privado, sendo que, na percepção dessas pessoas, as mulheres pertenciam ao espaço doméstico. Isso é retratado no meio de imprensa aqui destacado.

Palavras-chave: Jornal das Moças; representação das mulheres na imprensa; história e jornalismo.

ABSTRACT

Using journalistic fragments from Revista Jornal das Moças (RJ), during 1960, this research analyzes different publications that were addressed to readers of this time. The work highlights the beginnings of women's work in the aforementioned media. However, it is known that even with the emergence of movements aimed at the social emancipation of women, they still had to face serious issues in the aforementioned period, since a good part of Brazilian society still insisted on dividing spaces between public and private, being that, in the perception of those people, women belonged to the domestic space. This is even portrayed in the media highlighted here.

Keywords: Journal of Moças; representation of women in the press; history and journalism.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O *Jornal das Moças: Revista Quinzenal Ilustrada (RJ)*¹ foi uma publicação carioca que iniciou no ano de 1914 e findou no ano de 1965. Como o próprio nome deduz, ele era dedicado as mulheres, tendo uma nova publicação a cada

¹ Todos os fragmentos jornalísticos utilizados nessa pesquisa podem ser encontrados no acervo digital da Biblioteca Nacional.

quinze dias. Para mais, no site da Biblioteca Nacional é possível encontrar as publicações dessa revista durante o período de 1914 a 1961.

A revista aqui identificada trazia em suas editorações variada diversidade textual, dentre elas, pode-se destacar as colunas de entrevistas, textos literários, análise de filmes, o espaço reservado para se trabalhar sobre a moda, dicas de costuras e de culinária, seções de interação para resoluções de conflito no casamento, horóscopo, notícias internacionais relacionadas àquilo que as mulheres deveriam se interessar, dentre outros conteúdos.

Nessa nuance é percebido que o público alvo do jornal era o feminino, mas, principalmente, as mulheres casadas, que deveriam ser “boas esposas e boas mães”, aprendendo a cuidar com zelo e dedicação do lar. Assim, os temas em foco eram temas ligados à esfera privada. Havia, do mesmo modo, impressões voltadas aos “Brotos”, como eram chamadas as jovens solteiras, a fim de orientá-las para que conseguissem um bom casamento. O próprio jornal se identificava como sendo apenas para tal finalidade, deixando de lado temáticas mais complexas que envolvessem a esfera pública, já que essas, na visão da gazeta, eram assunto de interesse apenas dos homens.

Essa divisão entre espaço público e privado era difundida desde os tempos do Império, quando a “família tradicional brasileira” era tida como família patriarcal, em que o pai era quem ditava as regras que a família deveria seguir. Na passagem para o Brasil Republicano, surge uma nova forma de organização familiar, que passa a ser a chamada família nuclear, onde o homem, no caso o marido, continuava a ser o chefe da família. Ou seja, a mulher continuava sendo renegada aos afazeres domésticos.

Nessa perspectiva, essa pesquisa pretende analisar fragmentos do jornal das moças, no ano de 1960, período posterior aos tempos que aqui foram citados. Dessa maneira, pretende-se abordar como a mulher era vista nesse meio de comunicação, que era dedicado prioritariamente para o seu próprio gênero. Para mais, aplicam-se a essas abordagens referências que tenham como tema as mulheres e a imprensa, e alguns direitos conseguidos ao longo da história.

OS PRIMÓRDIOS DA PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NOS JORNAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os primeiros escritos brasileiros destinados a mulheres começaram a ser publicados principalmente na segunda metade do século XIX e se intitulavam jornais do *Bello Sexo*², no entanto, quando se analisa tais publicações, percebe-se que, apesar de serem escritas para determinado público, a maioria dos colaboradores eram homens que escreviam de forma a auxiliar os maridos a continuarem tendo o controle sobre suas esposas e filhas. Aliás, os termos “minha mulher” e “sua mulher” eram bastante ressaltados nesses folhetins.

² A imprensa brasileira do “Bello Sexo” ou “Belo Sexo”, era escrita dedicadamente a mulheres, surgiu no Século XIX. Olhar: Costa (2014).

A tentativa de mudança desses jornais começou a partir do engajamento de mulheres que começaram a adentrar nesse meio, promovendo, assim, o acesso delas a locais que antes eram tidos como apenas para os homens. Dentre essas precursoras no Brasil, Duarte (2010, p. 11) aponta que “(...) ao longo do século XIX, está a norte-rio-grandense Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), autora de importantes títulos sobre a mulher, professora e fundadora de colégios para meninas, que muito contribuiu para o avanço da educação feminina em nosso país”. Diante de tal citação, constata-se que, nessa época, eram poucas as mulheres que tinham acesso à educação, ou seja, muitas não sabiam sequer ler ou escrever. À vista disso, Nísia Floresta realizou importante trabalho nessa área. É sabido que o Brasil, nessa época, era um país escravocrata; desse modo, Nísia, além de publicar na imprensa sobre os direitos das mulheres, também pregava a defesa aos indígenas e aos escravizados. Com isso,

Nísia deve ter sido uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos em jornais da chamada grande imprensa. E foram muitas as colaborações que a cada dia surgiam sob a forma de crônicas, contos, poesias e ensaios. Aliás, esse é um traço da modernidade de Nísia Floresta: sua constante presença na imprensa nacional desde 1830, sempre comentando as questões mais polêmicas da época. (DUARTE, 2010, p. 12).

Surgia no Brasil, ainda no Império, outros jornais que se destacavam pelo espaço para que mulheres escrevessem e publicassem seus textos. Além de atuarem, mesmo que de forma moderada, no espaço público. Dentre esses jornais, destacam-se

[a] revista *Belo Sexo* do Rio de Janeiro, feita por mulheres com instrução secundária que já não se escondiam sob o anonimato, assinando crônicas literárias. Em Minas Gerais, no ano de 1873, Francisca Senhorinha Motta Dinis dirigia *O Sexo Feminino*, enquanto o Rio de Janeiro contribuía com mais exemplos: *O Domingo*, 1874, de Violante Atabalipa de Bivar e Velasco; *Eco das Damas*, 1879, de Amélia Carolina da Silva Couto, que encetou em 1887 a publicação *O Leque*, no qual propunha moderadamente a libertação das mulheres. À frente d’*A Família*, de 1889, Josephina Álvares de Azevedo, irmã do poeta Álvares de Azevedo, autora da peça teatral *O Voto Feminino*, encenada em São Paulo, em 1878, alertava para o movimento sufragista feminino, que ganharia força no Brasil só nas primeiras décadas do século XX (MARTINS, 2018, p. 68).

Esses periódicos e revistas tinham como principal inspiração a imprensa internacional. “O sexo feminino”, um dos precursores no Brasil com essa temática, além de ser dirigido por uma mulher, tinha publicações com grande impacto. Pinheiro (2019, p. 241), “(...) para que, aos poucos, novos espaços no mercado de trabalho fossem reivindicados pelas mulheres; defendia a emancipação das mulheres, o desenvolvimento de todas as suas potencialidades e a educação adequada e de qualidade para mulheres”.

Em outros lugares pelo mundo, as mulheres também se organizavam, na Espanha, por exemplo, em maio de 1936, surge uma organização cuja Revista *Mujeres Libres* era de sua idealização, e que, além de lutar contra a desarticulação da linguagem machista em torno da mulher, também dissertava sobre a Guerra Civil Espanhola (1936-1939).

No que concerne às mulheres que fundaram a dita organização, segundo Rago (2008, p. 191-192) destacam-se, “(...) três anarquistas – a médica pediatra Amparo Poch y Gascón (1902-1968), a advogada Mercedes Comapoda (1901-1994) e a poetisa Lucía Sanchez Saornil (1895-1970), todas militantes da Confederação Nacional do Trabalho – CNT, também de orientação libertária”. Além do mais, conforme Rago (2008, p. 192) “(...) a organização Mujeres Libres propôs-se lutar pela emancipação das mulheres espanholas, vítimas da ignorância, da opressão do Estado e da igreja e, não raro, de suas próprias famílias”. Como a principal expoente do movimento apresenta,

[n]asce *MUJERES LIBRES*; que, neste ar carregado de perplexidades, quer fazer ouvir uma voz sincera, firme e desinteressada: a da mulher; mas uma voz própria, a sua, a que nasce de sua natureza íntima, não sugerida nem apreendida em coros de teóricos; para isso tratará de evitar que a mulher, submetida ontem à tirania da religião, caia, ao abrir os olhos para a vida plena, sob outra tirania, não menos refinada e ainda mais brutal, que já a cerca e a cobiça para instrumento de suas ambições: a política (SAORNIL, 2015, p. 63).

Concernente ao Brasil, deve-se destacar que, se por um lado, surgiam novos meios que tendiam a dar mais espaço para as mulheres, e modificavam a gama óbvia de publicações; por outro, surgiam periódicos que reiteravam e difundiam as ideias mais conservadoras em torno da questão de gênero, sempre pregando a subordinação da mulher ao homem.

ANALISANDO O JORNAL DAS MOÇAS E A SUA REPRESENTAÇÃO DA MULHER BRASILEIRA

A Revista *Jornal das Moças* possuía algumas divisões, com seções específicas sobre algum tema, esses poderiam ser ligados ao lar, à família, à religião, à cultura, à literatura, ou até mesmo a colunas para conselhos amorosos. Ao pesquisar sobre a revista, encontra-se bastante material para análise da representação da mulher brasileira em suas impressões, entretanto, aqui são analisados e compreendidos fragmentos jornalísticos publicados no ano de 1960.

Quanto aos jornais na pesquisa histórica, é sabido que o seu uso se dá, principalmente, após a terceira geração do *Movimento dos Annales*³, em meados da década de 1970. Nesse período, houve a abertura do diálogo da história com novas áreas do conhecimento⁴. Por consequência, abriu-se a pesquisa para novos temas, além de serem utilizados novos objetos e novas fontes como referência, dentre elas a imprensa. Com isso, de acordo com Luca (2014, pp. 119-120) “(...) a atenção ampliou-se para além do movimento organizado com o acréscimo de questões sobre gênero, etnia, raça, identidade, modos de vida, experiências e práticas políticas cotidianas, formas de lazer e sociabilidade, produção teatral e literária (...)”.

3 Grosso modo o *Movimento ou Escola dos Annales*, surgiu em 1929, na França, contou com grandes pesquisadores e pensadores, sendo que, perpassou por diversas gerações, sempre contribuindo para o debate em torno da História e outras áreas das humanidades. Para saber mais, olhar: Reis (2000); Burke (1991).

4 Para melhor entendimento sobre esse período, verificar em: Le Goff; Nora (1988).

Na primeira publicação do ano de 1960, a referida revista começa com uma frase dirigida aos leitores, ressaltando que se começa um novo ano, e que o papel daquele meio de comunicação continua sendo o mesmo. Conforme a própria publicação “[m]ais um ano transcorrido e, com grandes esperanças, iniciamos mais uma etapa de trabalhos, certos de que até hoje cumprimos a nossa missão com honestidade e dignidade dentro da linha de conduta que nos foi traçada desde a fundação desta revista, em 1914” (JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: 7 jan. 1960, p. 4).

Em sequência, a edição destaca, de forma simples e objetiva, que durante o período em que a revista estava sendo publicada, havia se passado duas guerras mundiais, crises econômicas, e modificações sociais. Todavia, as publicações sempre se mantiveram desde o início, e sem interrupções. Ainda, descreve que o “JORNAL DAS MOÇAS continua a ser uma revista feita para ‘a mulher do lar’, sem o brilho, é bem verdade (...), mas com os mesmos propósitos de levar a todos os lares ricos ou menos

favorecidos⁵, coisas úteis, palavras simples, porém honestas” (JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: 7 jan. 1960, p. 4).

Sublinha-se que o acesso a esses meios de comunicação não alcançava boa parte da população, pois havia grande parcela de brasileiros analfabetos. Além disso, algumas pessoas não tinham condição de investir em jornais, ou viviam em regiões de difícil acesso, como na zona rural, local que a imprensa escrita dificilmente chegava.

Na segunda publicação da revista, no início do ano de 1960, na coluna “A vida no lar”, é elencado como as mulheres poderiam racionalizar as tarefas domésticas. De maneira que, analisando o fragmento, é possível notar que é explicitamente pregado que o papel correto a ser desempenhado pela mulher é sempre o de cuidar dos afazeres domésticos da melhor forma possível. Porém, donas de casa, similarmente, deveriam cuidar da sua saúde e da sua beleza. Ou seja, deveriam ser o tipo de mulher “bela, recatada e do lar”⁶. Fazendo assim, o papel que lhe era atribuído durante esse período.

5 A Revista Jornal das Moças tinha um valor bem atrativo para a época, visto que, custava Cr\$ 15,00. O salário mínimo vigente era de Cr\$ 9.600. A moeda era o Cruzeiro.

6 Essa expressão surgiu em determinado período que o patriarcalismo era absoluto no Brasil. Entretanto, perdura na contemporaneidade. Visto que, vez ou outra ela é recuperada para retratar sobre algum episódio ou alguma mulher. Um exemplo disso foi feito na publicação de uma revista em 2006. Revista em questão, olhar: Linhares (2006).

Figura 1: dicas sobre tarefas domésticas, coluna “A vida no lar”.

- * A MULHER inteligente cuida de sua saúde e de sua beleza, sem descuidar-se, porém, dos trabalhos domésticos.
- * PARA evitar idas e voltas desnecessárias, faça um plano para execução das tarefas domésticas.
- * DEIXE à mão materiais e utensílios necessários. Estude os movimentos, evitando sua repetição desnecessária e simplificando seu trabalho.
- * TRABALHE cuidadosamente, conservando tudo em ordem, evitando serviços de limpeza desnecessários.
- * TOME nota dos produtos que estão terminando e compre-os em grande quantidade, ganhando na certa.
- * POUPE suas energias, realizando, sentada, muitas das tarefas domésticas, tais como: limpar os legumes, preparar massas e molhos, arrumar as travessas e alguns serviços de limpeza. Ainda sentada, você poderá passar uma parte da roupa.
- * A LAVAGEM da roupa sofreu nos últimos anos, profundas modificações. Sem prejuízo para as demais tarefas, a dona-de-casa moderna pode lavar sua roupa facilmente.
- * COM um pouco de boa vontade, modificando seus hábitos antiquados e aproveitando as modernas invenções, seu gênero de vida melhorará consideravelmente. Sua saúde, tão preciosa, estará livre dos males que a fadiga acarreta.

Fonte: JORNAL DAS MOÇAS: Revista Quinzenal Ilustrada (RJ). Rio de Janeiro: 14 jan. 1960, p. 4.

Em outra publicação, chamada de “Uma grande advertência” é externada certa preocupação no que se refere a crianças ficarem com babás ou outras pessoas que não sejam a mãe. Segundo o jornal, a criação da criança deveria ser responsabilidade exclusiva da mãe. Em certo trecho é descrito que seria “(...) necessária que as mães voltem as vistas para seus lares que praticamente estão abandonando pelas exigências da chamada vida social” (JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: 25 fev. 1960, p. 57). Para complementar “(...) as mães que malgastam suas energias vitais fora de seu lar em vãos e egoísticos prazeres defraudam seus maridos e filhos” (JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: 25 fev. 1960, p. 57). Nessa continuidade, a publicação reforça a questão maternal como sendo o principal papel da mulher, destarte, ela deveria abdicar de sua vida social em prol da família. É reafirmado, mais uma vez, a questão de que a mulher deve pertencer apenas ao espaço privado.

No suplemento “Jornal da Mulher”, datado de 18 de fevereiro de 1960, em um texto intitulado “Feminismo”, a Revista Jornal das Moças utiliza da palavra para dar dicas sobre como receber bem os convidados em uma festa promovida pelo marido, ou por onde começar a remodelar a casa. Além de tudo, descreve que mínimos detalhes poderiam fazer a diferença. Outrossim, traz como destaque a atriz francesa Estella Blain, destacando-a como feminina e elegante. Nesse sentido, percebe-se que a expressão é colocada fora de contexto do real significado a que se refere.

Ademais, em outra publicação, o jornal adverte para que a mocidade não confunda modernismo com “pouca vergonha”. Complementa que a juventude, “(...) pelo excesso de liberdade que lhes é concedido, está se tornando prejudicial à Sociedade, pelas suas atitudes desaforadas, pela sua falta de respeito, pela deturpação dos conceitos dos Bons Costumes, (...)” (JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: 3 mar. 1960, p. 6).

É necessário ressaltar que na primeira metade do século XX, as mulheres conquistaram no Brasil importantes avanços na questão de igualdade de gênero. Isso graças a bastante empenho e dedicação de grupos formados por mulheres; algumas vindas do exterior, onde as lutas eram mais intensas e produtivas. O direito ao voto feminino em todo território brasileiro⁷ foi a partir da aprovação do código eleitoral por meio do Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932⁸. Nessa época, as mulheres começam a ter o direito de se candidatarem a um cargo político. Essa lei abordava, inicialmente, uma pequena quantidade de mulheres. Mas era um importante avanço.

Outra importante luta de lideranças feministas e de parlamentares esteve ligada à questão da regulamentação do trabalho feminino⁹, que conseguiu muitos avanços, principalmente durante o governo de Getúlio Vargas, em que a mulher pode, finalmente, ocupar cargos no serviço público.

Apesar de tudo o que as mulheres haviam conseguido, a revista enfatiza em um texto intitulado “Antes de mais nada elas são mulheres!” que isso não prejudicaria “(...) os assuntos de especial incumbência da mulher: o cuidado do lar, a maternidade, o bem estar da família, a educação dos filhos. É que elas são, antes de mais nada, mulheres, situação que nenhuma carreira ou profissão consegue sobrepujar” (JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: 7 abr. 1960, p. 24).

Reitera-se que o Feminismo no Brasil começa a se despontar com mais veemência e participação a partir dos anos 1960 e 1970, principalmente, por causa de movimentos internacionais, como a publicação do livro “A mística feminina (1963)”, da autora estadunidense Betty Friedan¹⁰, que lutava pela desmistificação da realização doméstica. Junto a essa obra havia também outros trabalhos escritos por mulheres que ficaram conhecidas por essa luta¹¹.

Como já foi dito aqui, a revista atuava em diferentes segmentos, um deles era o de indicação de cursos a serem feitos, sempre, é claro, ressaltando o caráter essencial para se tornar uma boa dona de casa. Dentre os cursos, está o de “Ciência doméstica” ou “Economia doméstica”¹², que ganhava notoriedade em diversas publicações. No texto é

7 O Estado do Rio Grande do Norte foi o primeiro no Brasil a regulamentar as eleições sem “distinção de sexo”. Sendo que, “[a]os 29 anos de idade, a professora Celina Guimarães Viana teve seu registro aprovado para votar em uma eleição municipal de Mossoró (RN) em 1928, antes do sufrágio feminino no Brasil”. Ver: Redação Galileu (2018).

8 Consultar: Brasil (1932).

9 Verificar: Marques (2016).

10 Escritora estadunidense defensora dos direitos humanos e do feminismo.

11 Dentre essas obras, destacavam-se nesse período: “Um Teto Todo Seu (1929)” de Virginia Woolf e “O Segundo Sexo (1949)” de Simone de Beauvoir.

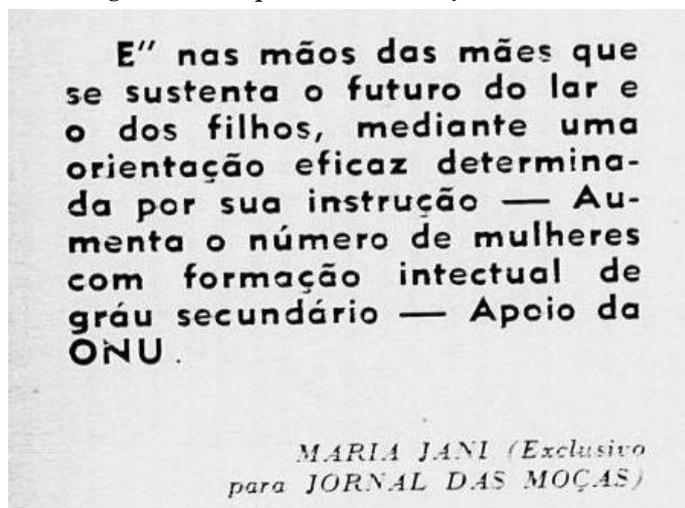
12 Primeiramente, no Brasil, esse curso era oferecido a mulheres que viviam na zona rural; posteriormente, foi se adequando

ênfatizado que mesmo que outras mulheres brilhem no ambiente público, as que irão se sobressair são as que desempenharem melhor o papel de mulher do lar. De mais a mais, é destacado que no curso elas poderiam aprender a se planejarem em relação a todos os aspectos de organização da casa.

Constata-se, diante das leituras, que as dicas e propagandas, mesmo quando retratavam algo que era feito fora do ambiente privado, sempre assumiam como principal meta a volta dessa mulher ao ambiente familiar para agradar ao marido e aos filhos. Ou seja, não era difundida a ideia de algo que ela poderia fazer para si própria, que a ajudasse a conseguir ascensão pessoal e/ou profissional.

Outro exemplo sobre essa questão é a difusão da ideia de que as mulheres deveriam estudar. No entanto, não para o próprio benefício, mas sim para o benefício dos filhos e do marido.

Figura 2: destaque sobre a educação da mulher.



Fonte: JORNAL DAS MOÇAS: Revista Quinzenal Ilustrada (RJ). Rio de Janeiro: 17 mar. 1960, p. 20.

A seção “A vida no lar” sempre colocava em suas publicações a importância da mulher no orçamento familiar, na preocupação que ela deveria ter em comprar alimentos nutritivos para a redução na compra de medicamentos. Dessa forma, estaria utilizando o dinheiro com sabedoria e fazendo-o render, contribuindo, assim, para o seu papel de propiciar harmonia no lar. Nesse seguimento, segundo a revista,

[u]m lar feliz onde reine a felicidade é tudo que uma mulher sonha. A ela compete um dos principais papéis na harmonia do lar. Ela é quem manobra ‘o seu pequeno mundo’, lidando com os filhos, cuidando do marido, preservando a saúde de todos. As tarefas árduas da casa a ela competem. O esposo cuida de suas atribuições, fora de casa, trazendo o sustento, o conforto [sic] moral (JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: 4 fev. 1960, p. 4).

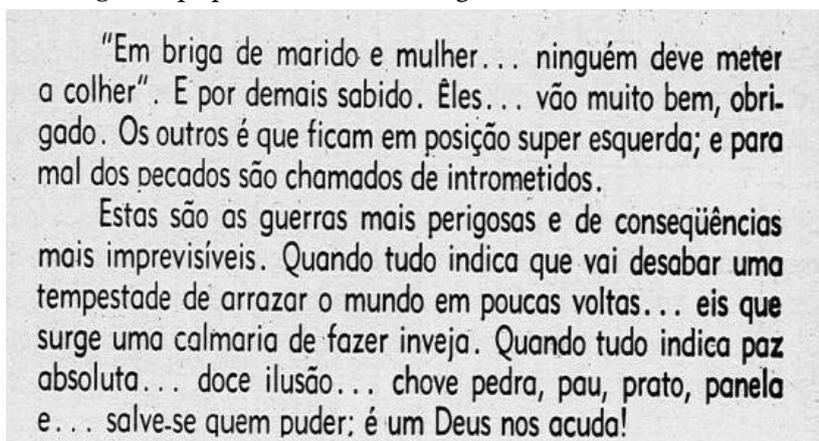
as mulheres que viviam na zona urbana. As principais preocupações do curso estavam voltadas a questões familiares, como alimentação, nutrição e saúde. A partir da década de 1990 o curso de Economia Doméstica foi reestruturado, de maneira que, ainda existem em algumas universidades brasileiras.

O trecho acima trabalha para que a leitora se coloque como alguém que deveria mesmo se preocupar somente com o chamado “mundo” dela, desse modo, ela deveria fazer de tudo para agradar ao marido, pois ele era o responsável por manter economicamente e moralmente o lar.

Em outra publicação, na data de 18 de agosto de 1960, na página 28, encontra-se uma matéria com o título “Para o marido há sempre desculpas”, é possível interpretar que o homem nunca estaria errado sobre algum assunto. Na perspectiva destacada, ele nunca era o culpado de desentendimentos com a esposa, uma vez que estava sempre em constante preocupação com assuntos externos ao lar. O jornal, igualmente, em muitas publicações, ressaltava a necessidade de se evitar aborrecimento. Ou seja, evitar discussão com o marido.

Não obstante os relacionamentos conturbados entre os casais também era motivo de relevância nas páginas dos jornais. Contudo, não para ajudarem as vítimas que precisassem, mas sim para reforçar que isso era algo comum a todos os casais. Ou seja, os abusos e/ou agressões sofridos pelas mulheres eram descritos como “normais”. Assim sendo, não deveria haver interferência de terceiros. Em uma dessas edições a própria colunista Lilian Paes Leme descreve.

Figura 3: pequeno texto sobre “briga entre marido e mulher”.



“Em briga de marido e mulher... ninguém deve meter a colher”. E por demais sabido. Eles... vão muito bem, obrigado. Os outros é que ficam em posição super esquerda; e para mal dos pecados são chamados de intrometidos.

Estas são as guerras mais perigosas e de conseqüências mais imprevisíveis. Quando tudo indica que vai desabar uma tempestade de arrazar o mundo em poucas voltas... eis que surge uma calmaria de fazer inveja. Quando tudo indica paz absoluta... doce ilusão... chove pedra, pau, prato, panela e... salve-se quem puder; é um Deus nos acuda!

Fonte: JORNAL DAS MOÇAS: Revista Quinzenal Ilustrada (RJ). Rio de Janeiro: 8 dez. 1960, p. 3.

Concomitantemente a isso, havia na revista espaços destinados ao recebimento de cartas das leitoras. Em uma dessas colunas estava a “Página sentimental”, coordenada por Orlandra Lucas, que afirmava que aquele local era destinado para tentar solucionar os casos amorosos que lhe eram enviados pelas leitoras. Quando se analisa esse espaço, identifica-se que boa parte das mulheres relatava algum abuso cometido pelo parceiro. Entretanto, as dicas para lidar com o assunto eram quase sempre colocando o marido como prioridade; portanto, a mulher deveria aguentar tudo o que estava passando para não prejudicar o relacionamento dela com o marido e os filhos.

Um exemplo disso é a publicação datada do dia 31 de março de 1960. A leitora, que se identificou como “coração partido”, escreve em sua carta que o marido era alcoólatra

e que já não aguentava mais conviver com suas atitudes. Em um trecho da carta há um desabafo:

(...) sinto vontade de abandoná-lo, porém uma coisa ainda me prende ao lar: os dois filhos. Bem sei que eles são os únicos inocentes em todo drama e quem mais sofrem em consequência do mesmo. Sinto as forças e a resignação fugirem, tentando me à fuga. Que fazer? Preciso urgentemente de uma palavra que dirija os meus atos e que já estão sendo incontroláveis (JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: 31 mar. 1960, p. 62).

Como resposta, a colunista diz que o drama vivido pela leitora era muito comum, e que na própria carta ela relatava que sabia que o futuro marido bebia; dessa forma, a leitora era a culpada por isso estar acontecendo em sua vida. Não obstante, como ela havia se casado, seria uma tragédia consumada. Todavia, a atitude de se manter ao lado do marido estava correta. Abaixo é apresentada uma orientação de Orlandra Lucas:

[v]ocê está duríssima ao manter-se junto do seu marido. A idéia [sic] do abandono ao lar, não será a solução desejada. Como você manterá o seu futuro “lar”? Que dirá aos filhos, do abandono que deu ao pai deles? Hoje eles sabem que têm um pai que bebe muito, e amanhã? Pense no drama que essas crianças poderão viver, se você não fôr feliz na explicação da fuga. Abandonando o lar, você terá que trabalhar para manter-se e aos meninos. Agora pergunto: - Sem os carinhos paternos e logicamente os indispensáveis da mamãe, que futuro terão seus filhos? O seu trabalho poderá render o suficiente para educá-los e jamais o necessário para que eles cresçam convictos de que a sua atitude foi certa. Para eles [Sic], a ausência do pai será sempre inexplicada (JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: 31 mar. 1960, p. 62).

Faz-se necessário esclarecer que a Lei nº 6.515, de 26 de dezembro de 1977¹³, que ficou conhecida como lei do divórcio, foi promulgada somente em 1977, nessa conformidade, antes da dita lei, as mulheres que decidissem se desfazer do casamento, sofriam grande preconceito pela sociedade. As “desquitadas” eram estigmatizadas; com isso, tinham que enfrentar obstáculos em todas as áreas. Voltando ao contexto da carta, após um longo discurso na tentativa de convencer a leitora a continuar com o casamento, a colunista encerra com o seguinte trecho:

13 Acessar a referida Lei em: Brasil (1977).

Figura 4: carta da leitora “coração partido”.

**Minha amiga, um lar desfeito é pior do que as
emerguras nêle vividas! Você plantou roseiras, esquecen-
do-se que elas teriam espinhos. A solução, embora seja
contra a vontade, é permanecer resignada em seu lar, na
esperança de que um dia tudo se torne alegria e sossêgo.
Cumpra o juramento feito ao pé do altar: “Juro permane-
cer fiel nas horas tristes e alegres” . . . etc . . . etc . . .
Felicidades “Coração partido”.**

Fonte: JORNAL DAS MOÇAS: Revista Quinzenal Ilustrada (RJ). Rio de Janeiro: 31 mar. 1960, p. 62.

A revista *Jornal das Moças* perduraria até a primeira metade do Século XX. Destaca-se que, nesse período, segundo Ribeiro (2006, p. 431), “[a] redução dos valores da publicidade no período de 1960 a 1964, e seu progressivo deslocamento rumo à televisão, teria reflexos imediatos na imprensa, levando ao fechamento de alguns jornais e ao agravamento da situação econômica de outros”. Entrementes, os principais jornais¹⁴ cariocas passaram a dar cada vez mais espaço a publicações políticas. Desta maneira, isso fez surgir grandes grupos de imprensa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização dessa pesquisa, foi exequível chegar à conclusão de que a Revista *Jornal das Moças* teve grande peso, no período identificado, como uma importante precursora do acesso das mulheres à imprensa. Contudo, em muitas publicações, a revista difundia a ideia de que a mulher não poderia frequentar espaços públicos, defendendo a forma mentis de que esposas deveriam ser submissas aos maridos em todos os assuntos que permeavam a relação conjugal. Foi possível identificar também que, em diversas áreas, as mulheres lutavam para conseguir a emancipação social. Contudo, na época em que se deu o foco da pesquisa, a sociedade brasileira se mostrava bastante resistente à questão da igualdade de gênero. Um Brasil no qual mulheres “antes de mais nada são mulheres!”, no sentido estereotipado do “ser mulher” e na concepção que cumpre e emoldura as expectativas de uma mentalidade patriarcal então vigente. E não se faz exagero destacar que, infelizmente, ainda na atualidade, essa concepção desigual está emoldurada na mentalidade de muitos indivíduos, já que continua incrustada na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL. Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932. Decreta o Código Eleitoral. **Portal da Câmara**

¹⁴ Dentre esses jornais, destacaram-se: *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Tribuna da Imprensa* e *Última Hora*.

dos Deputados, 1932. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21076-24-fevereiro-1932-507583-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 16 Abr. 2020.

_____. Lei nº 6.515, de 26 de dezembro de 1977. Regula os casos de dissolução da sociedade conjugal e do casamento, seus efeitos e respectivos processos, e dá outras providências. **Presidência da República do Brasil**, 1977. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6515.htm. Acesso em: 16 abr. 2020.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia**: a Escola dos Annales 1929 -1989 / Peter Burke; tradução Nílo Odália. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991. Acesso em: 18 abr. 2020.

COSTA, Carlos. **Revistas femininas do século XIX**: os primeiros passos. In: Revista *Communicare - Dossiê Feminismo*, v. 14, nº 1, pp. 24-35, 2014.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**; Tradução de Áurea B. Weissenberg. Petrópolis: Editora Vozes limitada, 1971.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (Org.). **História**: Novos Problemas, Novas Abordagens, Novos Objetos. v. 3. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. **Revista Veja**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 18 abr. 2020.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, pp. 111-153, 2005.

MARQUES, Teresa Cristina Novaes. A regulação do trabalho feminino em um sistema político masculino, Brasil: 1932-1943. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 29, nº 59, pp. 667-686, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/nC7nYwNgQRRSJ9c65byvRx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 abr. 2020.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, pp. 45-80, 2018.

PINHEIRO, Carolyn Santiago. Jornais: as diferentes utilizações desta fonte e a luta pela conquista de direitos das mulheres a partir do Jornal O Sexo Feminino no Século XIX. In: NUNES, Francivaldo Alves; GUIMARÃES, Athos Matheus da Silva (orgs.). **I Simpósio Online de História dos Anais**: ensino, pesquisa, extensão. Ananindeua : Editora Cordovil E-books, pp. 238-243, 2019. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1_GbQRQ8howieAGuN2ZGqu4vkOKtbSP2z/view?pli=1. Acesso em: 17 abr. 2020.

RAGO, Margareth. Novos modos de subjetivar: a experiência da organização experiência da organização Mujeres Libres na Revolução Espanhola. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 1, nº 1, pp. 187-206, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/sPSsGg7BRYbVGSXMx-pJwmgjS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2020.

REDAÇÃO GALILEU. Esta foi a primeira mulher a se registrar como eleitora no Brasil. **Revista Galileu**, 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2018/08/esta-foi-primeira-mulher-se-registrar-como-eleitora-no-brasil.html>. Acesso em: 16 Abr. 2020.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales**: a inovação em História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Modernização e concentração: a imprensa carioca nos anos 1950-1970. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. Ferreira (orgs). **História e Imprensa**: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, pp. 426-465, 2006.

SAORNIL, Lucía Sánchez. **A questão feminina em nossos meios**; seleção, tradução e preparação de textos Thiago Lemos Silva. 1. ed. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, Editorial Eleuterio, 2015.

JORNAIS:

JORNAL DAS MOÇAS: Revista Quinzenal Ilustrada (RJ). Rio de Janeiro: 7 jan. 1960, p. 4. Disponí-

vel em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111031_06&pasta=ano%20196&pesq=%22lar%22&pagfis=4>. Acesso em: 10 abr. 2020.

_____. 7 jan. 1960, p. 57. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111031_06&pasta=ano%20196&pesq=%22lar%22&pagfis=4>. Acesso em: 10 abr. 2020.

_____. 14 jan. 1960, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111031_06&pasta=ano%20196&pesq=%22lar%22&pagfis=66. Acesso em: 10 abr. 2020.

_____. 4 fev. 1960, p. 4. Disponível em: < http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111031_06&pasta=ano%20196&pesq=%22lar%22&pagfis=250>. Acesso em: 11 abr. 2020.

_____. 25 fev. 1960, p. 57. Disponível em: < http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111031_06&pasta=ano%20196&pesq=%22lar%22&pagfis=473>. Acesso em: 12 abr. 2020

_____. 3 mar. 1960, p. 6. Disponível em: < http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111031_06&pasta=ano%20196&pesq=%22lar%22&pagfis=502>. Acesso em: 12 abr. 2020.

_____. 17 mar. 1960, p. 20. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111031_06&pasta=ano%20196&pesq=%22lar%22&pagfis=640. Acesso em: 10 abr. 2020.

_____. 31 mar. 1960, p. 62. Disponível em:http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111031_06&pasta=ano%20196&pesq=%22lar%22&pagfis=790. Acesso em: 11 abr. 2020.

_____. 18 ago. 1960, p. 28. Disponível em: < http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111031_06&pasta=ano%20196&pesq=%22lar%22&pagfis=2016>. Acesso em: 11 abr. 2020.

_____. 8 dez. 1960, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111031_06&pasta=ano%20196&pesq=%22lar%22&pagfis=2902. Acesso em: 12 abr. 2020.